

com a Sua imagem, é bem a Política, é bem o reino de César. Porque César pertence a Deus.

Ao ser entregue a César, a moeda não pode ter apagada a imagem de César. Entregue a Deus, César não pode ter apagada a imagem de Deus.

Indutivamente, a Economia ordena-se à Política, e esta à Religião.

Pelo princípio hierárquico, o Cristianismo soube, depois de as distinguir, integrar as esferas: a económica, na política; a política, na religiosa.

«Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.»

VII

Situação do Homem

Situação do Homem

Solto das categorias históricas que o definiam, sente-se muitas vezes o homem moderno como o indivíduo-isolado. A lenda do *Contrato Social* deu em resultado: primeiro, a paramnésia do «estado natural»; depois, o vago mas poderoso sentimento de que esse estado prè-contratual se prolonga ainda. Este estado de espírito encontra-se frequentemente entre os cristãos, em parte por infiltração do Romantismo filosófico, em parte também por via da torcida interpretação da verdade religiosa: sabendo que a alma de cada um foi por Deus criada, facilmente se esquece que essa alma incarnou, por vontade do mesmo Deus, não por capricho do acaso, numa determinada linha familiar e numa determinada linha política, e que é só desde então e *ipso facto* que cada um existe e é o que é. Da verdade passa-se deste modo ao mito, e o mito alimenta-se do sonho romântico.

Nas encruzilhadas da vida pessoal e da vida colectiva, ao darem-se as crises fundamentais de determinação, brigam no mesmo homem dois tipos

de juízo: Olhados «sub specie aeternitatis», um acto meu e um acto de um desconhecido, a posição da minha Pátria e a da Pátria alheia, são sujeitas ao mesmo critério, medidas pela mesma bitola. A esfera ética, em que a razão sentença, é a esfera a que pertence o aspecto absoluto das coisas relativas.

Presos no relativismo da vida social, muitos se subordinam a uma perspectiva puramente histórica, como se o homem mais não fosse que o fruto da Terra e do Sangue, ele que é também sopro do Espírito divino. Desprezando a realidade mais alta, inscrevem-se num círculo em que a própria natureza do homem é minimizada e do qual será impossível subir ao plano sobrenatural. A todo o juízo de valor moral tendem a substituir um juízo de valor pragmático, ou mesmo um juízo de facto. A regra dissolve-se nos *actos*, e o acto passa a simples *fenómeno*.

Que é o mundo, para o homem? Diante do ideal da sobrenatureza, ele está bem longe de ser o lugar eleito, a Sião magnífica por que ansiamos. Diante do ideal da natureza, ele é o desmentido das melhores esperanças. E no entanto os homens têm amor ao mundo. Mais que o lugar por onde se passa ou donde se parte, eles sentem-no como o lugar onde se devia ficar: na morte, além da nostalgia do corpo, a alma vê e teme o abandono deste vale de lágrimas. A Terra não é somente o exílio: é também o Paraíso Perdido. Quer dizer que, ao julgar que o *óptimo dos possíveis* é deixar o mundo, o mais asceta dos homens não deixará de sentir que o *óptimo dos possíveis e dos impossíveis* consistiria

em viver a glória eterna com os pés pousados no planeta... O sentimento dum destino falhado, dum ex-futuro bem, é testemunha do dogma católico do pecado original e suas consequências.

O homem é um marinheiro que nasceu embarcado. Quando abriu os olhos, viu-se numa nave; quando lhe despertou a inteligência, compreendeu que era um nauta, nauta por definição. O barco já estava em movimento; todos os esforços para pará-lo são esforços vão. O Mundo não é apenas um lugar: é um movimento; não é apenas um estado: é uma tendência. Na ânsia de chegar, ânsia que é movimento interior, alguns marinheiros perdem a noção de que o barco vai em marcha e, desorientados, lançam-se às ondas, perdem o pé, passam a viver de sonhos líquidos; do sólido, rude mas seguro, duro mas determinável, capaz de seguir um sentido, caíram no fluido, o qual, antes de afogá-los, os envolve e revolve na própria inquietação.

Mas há outros que se entretêm, como é natural, contemplando as águas e os astros, ou pescando pacientemente... E acontece que o passa-tempo se torna por vezes vida, ou é a vida que devém passa-tempo. As ondas são belas, o barco é bastante forte, o marisco é saboroso... Quando o barco chega, esses chegam também, mas apenas fisicamente. No *porto*, esperam-se homens, e são somente seres vivos os que chegam. A desproporção é tal que exige a morte, a morte de que não se ressurgem.

Ao verificar que nasceu embarcado, o homem é levado a um interesse todo especial pelo navio em que viaja. E tudo, na análise que vai fazendo,

o conduz a uma conclusão estranha: que ele próprio e a sua embarcação formam, de algum modo, um todo indissolúvel. Entre a sua carne e as coisas que o cercam há singulares semelhanças; e quase basta a experiência para lhe fazer compreender toda a verdade do «lembra-te, ó homem, que és pó, e em pó te hás-de tornar». E até entre o seu espírito e a harmonia universal ele encontra estranhas consonâncias.

Empenhado na investigação, na exploração do mundo, o homem investiga e explora o seu próprio ser. Toda a lei física é susceptível de sentido humano. Mas por que não procura o homem conhecer-se directamente a si próprio? Dir-se-ia que respeita o mistério que nele habita: em lugar de olhar de frente a Esfinge, interroga uma a uma as areias do Deserto: todas elas participam do segredo, e é-lhe mais fácil interpretar o *múltiplo*, que o *uno*.

Por que via chegam os homens a convencer-se de que as suas relações com o mundo são uma espécie de polémica, ou de batalha?; de que toda a Ciência e toda a Economia são conquistas? O certo é que toda a gente fala do domínio do homem sobre o mundo. E uma das questões que mais preocupam o grande público é justamente a de saber quem vencerá: se o homem, que descobriu a bomba atómica; se o mundo, de cujo poder tremendo a bomba atómica é hoje a máxima expressão...

No limiar da «era atómica», já os homens se interrogam inquietamente: será fatal que ao conhecimento do mundo pelo homem corresponda o aniquilamento do homem pelo mundo?

A prova do poder humano seria deste modo seguida da sua trágica mas autêntica contra-prova. Pascal já falou desse tremendo instante em que a consciência daria supremo testemunho duma superioridade que nenhuma resistência pode desmentir. Mas Pascal não previa duas coisas, que hoje se afiguram possíveis: que fosse o homem o desencadeador das forças inimigas, e que o *glorioso desastre* fosse universal. Será ainda possível o vingador testemunho da consciência, depois de ela própria assistir à auto-preparação da morte? Que será feito da superioridade de um ser que a si mesmo se destrói?

No ponto em que as coisas estão, já não interessa apenas conhecer se é fatal o encadeamento do saber e da morte: interessa pròpriamente conhecer se, no nosso caso, esse encadeamento, fatal ou fortuito, se dará.

Se existisse apenas um homem, ou entre os homens existentes não houvesse relação, seria fácil compreender a posição do homem dentro do mundo. Se o mundo é uma barca em movimento, o seu destino é o porto; se o homem nasce e morre nessa barca, o porto é o seu destino. Se apenas existisse um homem em sua barca, ou vários homens em barcas e mares independentes, a noção de fim não poderia aplicar-se senão justamente ao porto; tudo o mais seriam simples meios.

Mas a realidade é bem diferente: na barca não se passa apenas o nascimento, a vida e a morte de um homem, mas de muitos homens. O facto, antes de tudo biológico, da existência do género humano, da família humana, esse facto que se nos impõe

com evidência constante, introduz uma nova noção: a de fim secundário ou subalterno. A viagem de cada individuo não foi simplesmente uma viagem: foi uma *obra*, uma sementeira. Acção bio-psíquica, ou simplesmente psíquica; também acção própria física — a vida do individuo trabalhou para um fim terreno: enquanto viajava, procurando o seu fim, ele ia servindo a permanência de algo que ficava depois dele. Passou; mas preparou um futuro alheio a ele próprio. O fim desse viajante da Eternidade não é somente alcançar a Eternidade: é também tornar possível a demanda da Eternidade por outros viajantes.

Não foi o homem que a si mesmo se criou. Não depende dele este duplo destino de deixar o mundo, deixando outros em seu lugar. O maravilhoso Poder que o criou, criou-o como *fruto* que Ele próprio comerá e como *semente* de novos frutos, em progressão. E cada um é já o fruto duma semente.

Para onde quer que se volte, o homem encontra-se sempre *relacionado*: com Deus, de Quem directamente vem o sopro espiritual, alma que aspira ao Eterno; com todos os homens, como filho, como irmão, como pai, ou — chave de tudo — como esposo; com a natureza, cuja engrenagem o conduz, cujas energias o alimentam. Quando, silenciosamente recolhido, se sente mais só, é talvez com Deus que religiosamente comunga. E o momento do maior abandono — a hora da morte — é também o momento do maior encontro.

É a morte que dá a medida de quanto o homem é terreno e de quanto é celeste. Ela o desprende,

lhe corta todas as amarras, o entrega automaticamente ao seu destino. E talvez nunca como então o homem terá tido a consciência clara de que é um ser terrestre! E não só pela saudade com que parte... A essência do seu próprio destino, a natureza da sua eterna relação com Deus, é-lhe dada por uma chave terrena: será aquilo que preparou. A sua história é o prelúdio da sua eternidade.

Em nenhum momento da sua história o homem foi o *que é*. As alegrias da sua vida encheram-lhe plenamente os momentos em que vieram. Ele (não o seu momento, o seu estado fugaz de consciência: ele) sentiu-se plenamente feliz. Mas as alegrias passaram e *ele* continuou: a felicidade não era da sua essência. As desventuras, as angústias, vieram por seu turno, — e *ele* sentiu-se plenamente desventurado. Dir-se-ia que a infelicidade era a sua maneira de ser, o *seu ser*. E no entanto, também as desventuras passaram — e *ele* continuou. No paroxismo do prazer, o homem julgou que encontrava a medida de si próprio, a sua *substância*. E o prazer, como acidente, caíu. No paroxismo da dor, o homem julgou-se *definido*, julgou ver-se estático, diante de si próprio. Quando a dor se desvaneceu, *ele* continuou a ver-se: e já não era a dor que o definia.

Quando a morte o entrega ao seu destino, que é o homem? Ele não duvida de que é alguma coisa, alguma coisa para além do que sentiu, do que soube... O homem é um *autor*. Esse autor tem diante de si a sua obra, sente-se *responsável* por ela, e sofre por vê-la inferior ao que devia ser. Ele é um

ser moral, um ser relacionado com o Absoluto. Nem a dor nem a alegria, nem a ignorância nem a ciência o definem: só a *vontade*. O homem é um ser relacionado com Deus.

A barca está em movimento e esse movimento acabará um dia. O ponto terminal é da escolha do homem. E é essa, afinal, a única coisa que é dado ao homem escolher. Nas asas da fantasia, chega ele por vezes a revoltar-se contra a sua sorte, a sua condição. Como que acha injusto que ele, dotado de tantos predicados... cheio de tão boas intenções..., tenha sido lançado no escuro porão de uma nave, donde pouco a pouco foi saindo para a luz do convés... E pergunta: «porquê?! porque fui eu assim tratado?! como é que não me perguntaram se estava disposto a correr a aventura tremenda?!» E debate-se... Nas asas da fantasia, não vê o vício radical deste pensamento: está a imaginar-se *como se não fosse aquilo que é*... É loucura pensar-se o homem fora da condição humana. É loucura pensar: «perguntassem-me! fizessem-me propostas!; *esta* nunca eu aceitaria»... Entre o *eu* que assim fala e *esta* que assim é repelida há uma ligação tão íntima como entre *eu* e *eu*...

O homem pode, em rigor, *pensar* como espírito alheio à condição humana; não pode *pensar-se* fora da condição humana.

O autor e a sua obra... Mas em que consiste essa obra? Que ela equivale à escolha do porto, à eleição do destino, é claro e muito simples. Mas não vá a simplicidade global esconder a complexidade parcelar! A escolha do porto não se faz no abs-

tracto, num plano independente dos planos em que o homem nasce, vive e morre. A escolha do porto é fixada pelas atitudes do homem. Ser relacionado, ele não vive num plano etéreo, ou numa esfera à parte. O seu destino é traçado pela sua história; e a sua história é a história da sua relação com Deus, com os outros homens, com o Mundo.

As soluções são dadas por ele; mas os problemas nascem com ele, são reais como ele. A esfera do homem é uma esfera de problemas.

Que *som* é este?... No ponto donde vem não existem as coisas necessárias para o produzir. Tem qualquer coisa de inseguro, de fluido, mas é bastante vivo para despertar a atenção... Dir-se-ia até que alguma coisa nele o faz mais atraente que os outros sons... É imperfeito, incompleto, está sempre à espera de uma última forma...

Quando o homem se recolhe, se fecha em si mesmo, este som acompanha-lhe a meditação, confunde-se com ela, e tão depressa o faz sonhar como lhe desperta os sentidos... Que som é este?

...Em cada homem, os problemas reais ecoam... O homem é um ser inteligente.

...E também não foi ele que se fez inteligente. Conhecer, compreender, estudar é uma parte do seu destino terreno. O homem é um ser que vive dentro duma esfera: mas que introduz essa esfera dentro de si próprio. Tudo quanto é real é seu alimento. No interior do Universo, está alguém que o devora... E foi o Criador do Universo que criou também o devorador.

O homem sabe que, por mais que devore, tudo fica. E deseja precisamente que tudo fique (até

porque ele é parte desse todo...). A inteligência não suprime o real — e no entanto assimila-o.

Os problemas do homem vivem dentro dele. O modo por que existem esses problemas é *cultural*. A solução dos problemas pertence à ordem real; mas tem uma prêfiguração cultural.

Tal é a sua complexidade que, por vezes, interpondo-se entre si mesmo e o seu olhar, o homem provoca um eclipse total da realidade. Sente-se então tremendamente só. Nessas horas desoladas, invade-o o imenso fastio de si próprio, e tudo quanto lhe é exterior lhe parece de tal modo fluido, impreciso, diáfano, que se torna completamente *opaco*. À medida que se empobrece, se esvazia de sentido, de valor, de significado inteligível, a esfera real toma, aos olhos do homem aterrado, a aparência brutal da simples coisa, como um muro estúpido, inútil, casual...

Há momentos em que a inteligência (no sentido mais profundo e mais largo) como que se quebra: e então o homem sente-se abandonado.

Depois (as causas podem ser várias mas têm, normalmente, pelo menos um tom religioso), há um momento privilegiado, um momento *nobre*: quebra-se o encanto; da imobilidade inútil tudo renasce, revive, salta — para o esplendor de uma luz que parece perfeitamente nova. O homem compreende novamente, lê de novo a realidade, encontra-se com algo de inteligível.

Desse encontro maravilhoso brota uma coisa inefável: a alegria! O homem fica a saber que *não*

está só, fica a saborear essa verdade, a verdade do encontro magnífico...

E com quem se encontra?

Vulgarmente (fora de casos de pura «contemplação»), é no encontro com muitos dos seus semelhantes que o homem faz a experiência da alegria. S. Francisco falou e viveu como ninguém esta alegria, este encontro com os irmãos... Dar os bons dias às pombas, despedir-se do Sol — eis o que todo o homem deseja, deseja no fundo de si mesmo, imitar de Francisco de Assis...

Mas a semelhança tem graus, e, com ela, a alegria tem graus. A alegria de S. Francisco ao beijar o leproso foi certamente mais alta, mais bela e forte, do que a que sentia quando as aves do céu lhe poisavam na mão. O encontro de S. Francisco com o leproso foi encontro com o homem e encontro com Deus. (Se, em geral, é o homem que revela Deus, aqui era Deus que revelava o homem ao coração do Santo).

Antes da suprema alegria do supremo Encontro, já ao homem é dado, na humilde jornada desta vida, saudar, na luz e na treva, a Luz Inacessível. «Eis aberto o Livro imenso!...» «O Universo está escrito em caracteres» divinos.

O homem é o *mais* divino e o *menos* divino desses caracteres...

Em plena multidão, perdido entre milhões, já o homem não sente a alegria do encontro com o semelhante. A humanidade aparece-lhe como uma *coisa*, uma coisa brutal, disforme. E no entanto ele sabe que passa e repassa por seres humanos e

que cada um deles, tomado à parte, é seu irmão. A massa, porém, é-lhe quase estranha.

Mais um passo... Agora o homem, de isolado entre mil, torna-se verdadeiramente um dos mil. E vai-se apercebendo de uma coisa que o fere: todo o seu ser, com as incomparáveis riquezas dia a dia descobertas, todo o seu ser se encontra comprometido na multidão. Ele está à disposição do primeiro: qualquer anónimo o pode apunhalar... E a humanidade, que é sua descoberta e sua conquista, continuará sem ele, por cima dele, para além dele...

...Que é o homem para o Homem? Que é, para o Homem, o soldado *N* que morreu na batalha de Canas? o camponês *X* que há mil anos cultivava um cantinho dos campos do Mondego? o vagabundo *F* que a gente encontra pela cidade? *Que é?*

E do meu canto eu olho o mundo e percorro a História... *Que sou?*

...E no entanto, se a multidão me apedreja, eu sinto que devo defender-me. Aquilo por que vale a multidão não é o número que a faz multidão: é ser composta de seres como eu, é a semelhança comigo. Defendendo-me, sinto que defendo alguma coisa que vale mais, infinitamente mais, que a quantidade.

Entre mim e eu há um dever quase religioso. Sinto confusamente, mas sinto, que quando defendo os meus *direitos* estou a prestar menagem àquilo que me foi confiado, a valores que não são propriamente meus (para que eu possa dispor deles) mas que são — *eu* — (e eu sou *Seu* — o recurso ao Absoluto é aqui espontâneo).

Eu, o homem, o *cada um*, posso então lançar à multidão uma espécie de desafio: «eis aqui o exemplar da tua dignidade! Se me matares, em ti fica o meu eco, e o teu valor consistirá para sempre em ser o meu eco». Suponhamos que, ao mesmo tempo, *cada um* lançava ao *todo* este tremendo repto... e que esse repto era aceite... Nem o *eco* ficaria... O *eco* não subsiste sem o *som*...

O valor «multidão» depende inteiramente do valor «homem»...

Eu, o homem, o *cada um*, subo então, enfeitado, vestido de gala, à minha bela torre de marfim. E do alto, contemplo, desdenhoso. Vista daquelas alturas, a multidão parece ainda mais desprezível — é a mancha, a nódoa da Terra... De um lado, eu, o homem. Do outro, o número. E contemplo...

Pouco a pouco, ao alargar o olhar, vou-me apercebendo de que da multidão compacta se destacam grupos, pequenos uns, outros maiores; que esses grupos não apenas «mancham» — modificam a Terra; que de esses grupos há indivíduos que se distinguem dos outros; que, a bem dizer, não há afinal nenhum que não se distinga... Compreendo, também, pelos movimentos que apercebo, que toda a multidão não é mais que o aglomerado fortuito e físico de indivíduos que têm a sua vida num lugar determinado, que fazem parte de grupos determinados, que cumprem uma obra determinada...

Surpreso, súbitamente preso de toda esta variedade que se me revela, deste «esplendor da ordem», desta harmonia do múltiplo, deço da minha torre branca, e vou ter com aqueles que, vagamente mas

poderosamente, vou sentindo que são meus irmãos...

O encontro!... Enfim! o encontro do homem com o homem. Aqui se abrem, ao isolado, ao único, os pórticos duma alegria esplêndida: tem diante de si o seu irmão!

E neste momento privilegiado, neste momento *nobre*, ele compreende, ele vê claramente que a quantidade — opaca, estúpida, ininteligível, na multidão — tem afinal um sentido. E então o homem faz a experiência do valor *quantidade*, submete-se à esfera do múltiplo, entra decididamente em contacto com os seus semelhantes, participa, comunga numa unidade superior a ele. E compreende — ele, o «homem» — que essa unidade de tipo superior, essa unidade à qual se submete, na qual participa, é ainda, afinal, uma unidade *humana*.

Que é o homem, para o Homem?...

Mas que milagre é este?! Como é que a multidão, quantidade bruta, não é a única quantidade? Como é que, bem à margem dela, o múltiplo humano existe, vive, progride, cria?

A experiência do múltiplo é que vai responder.

Eis o homem no seio da *família*; ei-lo ao *trabalho*, no complexo sistema da fábrica, ou no, mais simples, da lavoura; ei-lo no cuidado do bem público, salvando o seu interesse numa fórmula geral de *administração*; ei-lo pensando em comum com outros, na conquista da *ciência*, ou comunicando aos outros a sua visão das coisas, na *arte*; ei-lo a unir-se com os seus irmãos para honrar e impetrar

o mesmo Pai, na *Liturgia*... Já o homem não voga ao acaso, cercado da multidão que o esmaga: *integra-se e participa* em ordens pelas quais nasceu, vive, se dignifica, finalmente se salva... No múltiplo, ele encontra o uno, e esse uno, que dá sentido ao múltiplo, dá-lhe também sentido a ele próprio.

Já o homem compreende quanto era louco ao retirar-se no alto da sua torre. Agora vê que ele é bem pouco em relação ao Homem; agora vê que se comprometeu numa obra comum, na qual a sua contribuição, a sua quota, fará, no fim da História, bem pequena figura...

O Homem é aquele ser que *crece e se multiplica*, que existia há talvez um milhão de anos e existe ainda, que construiu o dólmen, a pirâmide e o arranha-céus, que descobriu a Terra e circula nos espaços; aquele ser que ao mesmo tempo é o herói, o autor, o leitor, dessa coisa imensa chamada Literatura; aquele por quem e para quem se constroem as cidades e os templos; aquele que sente e exprime os mistérios do mundo e que, ajoelhado na mais profunda humilhação, recebe a visita do seu Deus... É o Homem aquele ser que prepara ainda hoje, sobre um Passado que lhe escapa, um Porvir que não entrevê. É no seio do Homem que vivemos, nós todos que temos em nós presente a essência humana e, nela, a imagem de Deus.

Novos rebentos de uma árvore antiga, frágeis rebentos duma árvore robusta, sobre ela nos apoiamos, dela nos alimentamos, no momento do grito terrivelmente ridículo: «não te servirei!»

De que boca pode sair este grito? Daquela que se encheu do leite da felicidade, ou daquela que a negra fome escancara. Da que se encheu do vento das ilusões, ou da que só expira desilusões amargas. A esperança sem freio e o desespero sem limites podem ambos conduzir à rebelião do homem contra o Homem.

A forma mais subtil da primeira é talvez o culto da essência humana de cada um de nós: «O Homem? — Sou eu, o Homem! Que ninguém se atreva a tocar-me!» Isto diz o homem cercado de homens... E nem assim se apercebe de que há outros e que, portanto, ele não é o Homem...

Praticamente, vai fazendo parte das estruturas, das instituições... Mas todo ele se eriça e se rebela! «Como é possível que me tenham aqui preso, entre quatro paredes?!»

As suas «altas aspirações, misteriosas intuições, potentes ideias, belos sentimentos», sentem-se mutilados, diminuídos, dentro dos quadros em que existe. Família, profissão, cidade, Estado, Igreja — tudo são formas de o «escravizar» — a *ele!* que traz em si as infinitas potencialidades do Homem! A instituição — eis o inimigo! E esbraveja...

Conforme os casos, ou promove Congressos ou compra dinamite.

É possivelmente o mesmo homem... Fez a experiência do «fora da lei»; viveu a monte; teve fome. Da sua boca saiu segunda vez a palavra de revolta: não te servirei! Mas agora, que sofreu, pode concluir, mais ou menos conscientemente, que se não basta a si mesmo: procura camaradas; e o ódio que flutuava sobre sonhos enraizou-se no

solo duro da dor sem esperança. Traçou um plano e a sua acção será sólida.

Todas as suas energias, as *infinitas potencialidades* do seu ser — ei-las canalizadas para o seu plano. Para destruir a «escravatura» das instituições, nenhum serviço é demasiado duro, nenhuma renúncia demasiado difícil. E a sua vida, os seus ossos, o seu sangue, os seus pensamentos, os seus bens, os seus sentimentos — tudo o que herdara como tudo o que adquirira — tudo nele, todo ele, passou a pertencer ao objectivo da sua guerra.

Na trepidação da luta, pára de quando em quando e, contemplando-se, exclama: «como é belo viver assim!» E avança... É o cavaleiro duma Era Nova...

Sobre as ruínas das instituições antigas, acampa a legião dos triunfadores. Eis enfim chegada a *Era do Homem!*... As grandes coisas vão começar agora!...

...E novas famílias vão crescendo, novos corpos profissionais se organizam, novas cidades se administram, novos Estados vão comandando os homens...

Que é o homem, para o Homem?

Quando julgou ter encontrado a chave da História, ele pensou que era chegado o momento profético: seria também o dono da História...

Tendo julgado que enfim entendera o ritmo, a mecânica, o ondular da corrente histórica, quis passar da inteligência à criação.

Mas já agora, tendo feito a experiência da luta em comum, tendo-se submetido à «segunda natu-

reza» de hábitos colectivos, o homem de novo transpôs para uma entidade superior a ele o estranho poder para-divino de transformar a História, criando o Porvir como *ex nihilo*...

Fez a experiência da roda dentada, do parafuso, do ferro de engomar... Viu-se pequeno, fraco, só forte pela engrenagem que o levava... O Homem?... Não é ele!

Para trás, não olha: perdeu o hábito, e, por hipótese, já «compreendeu» todo o Passado... Não olha para trás... Mas as novas estruturas que a sua legião, o seu grupo, a sua Máquina, creou — a essas se entrega de alma e corpo. E aí de quem não queira seguir-lhe o exemplo de «humildade»!...

A estrutura é a Regra; as leis do seu funcionamento são as leis humanas...

Eis de novo posto o problema, agora mais cru que dantes. Não só mais cru, mas muito mais profundo. Eis o triunfo totalitário do individualismo: a ideia de um homem, propagada à reduzida legião do desespero, desfez os hábitos naturais dos homens e impôs hábitos anti-naturais: nem já pròpriamente hábitos, mas mecanismos.

E então a revolta, o grito do homem-natural contra esta «Ordem», já não é a rebelião do homem contra o Homem, do *fruto* contra a *árvore*. O novo «Homem» é um pseudo-Homem monstruoso; não é um todo: é um tudo; não é o forte e fecundo organismo composto de membros vivos; não é aquela alta unidade de tipo superior à unidade individual. Porque houve um indivíduo, atacado de doença de gigantismo, cujas concepções e vontades cresceram a ponto de abafarem tudo o

que não se deixava assimilar por elas — o pseudo-Homem é bem um monstro, o monstro do Homem, e contra ele é legítima a revolta, é necessária a revolta.

É a hora — e parece que pelo mundo se está a compreender — em que tudo quanto é humano, quanto pertence à natureza humana, deve ter a sua *apoteose*.

Do mais pequeno canto em que se isole, nenhum homem deve deixar de saudar alegremente a exuberância com que o Homem hoje se manifesta. Mais ainda: é preciso que, de algum modo (do modo que lhe for próprio), todo o indivíduo entre no imenso coro das vozes humanas.

É saudável, é são, o forte impulso que anima tantos jovens a praticar com leal rudeza os variados desportos (não falo do delírio das massas...). Essa atitude (muito exterior) corresponde mais ou menos adequadamente a um imenso desejo de pôr a *acção de acordo com a natureza*. O mesmo se dirá, em outros planos, do renovo, tanta vez inesperado e de aspecto chocante, da Filosofia, da Literatura, até da Liturgia...

Na hora terrível da *crise*, diante do espantoso «triunfo» do pseudo-Homem, tem qualquer coisa de *sagrado* este multiforme despertar dos homens; porque, no fundo dos fundos, por baixo de muito desvio e de muita confusão, é bem um supremo esforço para se pôr de acordo com o plano da Criação, é bem um regresso às primeiras raízes, ao que há de mais essencial, de mais genuíno, no homem.

...É uma redescoberta das coisas reais. Já o ouvinte dum concerto nos vem dizer que não foi

tanto a beleza em si, o milagre dos sons, que o atraiu: a sua admiração absorveu-se na alegria do encontro magnífico com o Homem: «como é bom verificar que o Homem é capaz disto!» E assim por diante...

Do abstracto (*Arte pela Arte*) passamos ao concreto (*Arte pelo Homem, Arte pelo Todo...*).

Este Naturalismo (no sentido de Humanismo) não é uma descoberta do nosso tempo. No entanto, como *resposta* que é ao mais feroz dos anti-Naturalismos — e resposta dum Homem fortalecido pela Redenção —, esse Humanismo tem certamente aspectos originais e sobretudo possibilidades únicas de desenvolvimento.

Quando se ouve dizer que para lá de uma «cortina de ferro» se produz um sobressalto, algo de vivo e original perturba o tranquilo automatismo do Sistema; sente-se (muito para além de qualquer plano propriamente político ou económico ou simplesmente cultural) a esplêndida alegria de um contacto longínquo com o Homem. («Ainda respira! Ainda pensa! Ainda ama! Ainda responde!»).

Quando se ouve dizer que para lá de uma grande civilização do ouro e da máquina, alguma coisa se produz que não estava na lógica do Sistema; quando se sabe que no interior dos tubos e dos fios e do cimento circula um vago sopro de inquietude, e um ar de tristeza cresta as faces robucundas dos milionários — para além de todos os planos políticos, económicos, culturais, vive-se uma hora de alegria: porque a velha «mecha ainda fume»: o Homem — ainda existe!

Se existe, se ainda não se deixou assimilar pelo seu alimento (o que seria verdadeiramente o sinal de que tudo estava a acabar), subsiste uma grande esperança, esperança suspensa desta palavra: ainda!

Ainda é possível que o homem assimile todo o seu «alimento», adapte a máquina a si... Ainda é possível, visto que ainda mexe, ainda respira, ver o Homem submeter a Economia (pão, moeda, máquina) à Política (Regra do homem como tal), quer na esfera *real* em que enfrenta as coisas, quer na esfera *ideal* em que as ordena culturalmente, prefigurando as soluções dos seus problemas.

O acordo dos homens com a natureza — na esfera ótica e na esfera psíquica (no mundo histórico como no filosófico) esse acordo supõe, portanto, a aceitação de certos princípios que estão inscritos nessa mesma natureza.

O princípio da Hierarquia parece ser o mais sintético e o mais fecundo (aquele que melhor consegue edificar a Filosofia e conduzir a História). Aceitá-lo é integrar o económico no político e estar pronto a integrar este num plano mais alto, naquele plano em que o Homem (que é um ser relacionado) está em relação com Deus. Isto, não por força de uma *teoria*, mas segundo a natureza das coisas.

E só assim o Humanismo poderá ser perfeito: quando a Economia, segundo as suas leis próprias, se ordenar à Política, e esta, também segundo a sua natureza, se ordenar à Religião.

O *facto cristão* — a Incarnação e tudo o que dela depende — introduz o novo conceito de sobrenatural: não só o conceito, mas a viva realidade. Daqui, duas consequências: que o Naturalismo só pode ser perfeito se se integrar, todo ele, no Sobrenaturalismo; e que, estando o sobrenatural presente no Homem (através da Igreja), não se trata pura e simplesmente de um movimento ascensional, indutivo, mas também de um movimento interno, uma germinação interior, uma espécie de movimento *local* (como, no interior dos átomos em repouso, os electrões não deixam de ser animados de movimento perpétuo...). O sobrenatural não está simplesmente à *espera* que o *natural chegue* enfim... Ele próprio toma a iniciativa...

Dedução e indução entrelaçam-se, portanto. E o Humanismo *Cristão* é cristão em todos os seus planos.

Toda esta perspectiva da apoteose do humano e da sua integração na glória de Deus parece ser cortada pela presença muito efectiva, muito eficaz, do pseudo-Homem, cujos «triumfos» retinem e atordoam... E no entanto, vendo as coisas com serenidade, o único triunfo possível é o do Homem sobre o seu monstro. Os escravos do monstro, os servos mais servís do pseudo-Homem, que são eles?, a que ordem pertencem senão à ordem humana? Queiram ou não, todos os instantes da sua vida são instantes de colaboração com os outros homens para a grandeza do Homem real. Também pertencem à família humana, são da mesma estirpe, são nossos coherdeiros, tudo o que neles existe